O CONTATO VITAL NO BRINCAR: APROXIMANDO DONALD WINNICOTT E EUGÈNE MINKOWSKI

Gabriel Barth da Silva[1]

Resumo: O presente ensaio pretende debater, a partir de uma aproximação das abordagens clínicas do psicanalista Donald Woods Winnicott e do psiquiatra Eugène Minkowski, um olhar sobre a prática de psicoterapia que, ao perceber os fenômenos e vivências dos pacientes, centre-se em estabelecer diálogos que não se limitem em pautar uma análise apenas em um campo comum epistemológico, definido pela abordagem psicológica, enquanto ponto de partida dos autores, mas também em torno da dinâmica do pensamento proposta ao analisar os casos clínicos. Nesse movimento, defende-se a importância de estabelecer diálogos que priorizem um olhar afetivo, criativo e crítico sobre a análise clínica, não limitando-se sobre os termos e, em contrapartida, buscando aproximações que permitam elevar o nível de análise junto do sujeito que busca a psicoterapia. Espera-se, junto do presente trabalho, o incentivo de leituras de fenômenos psicológicos que vão além das bases rígidas de linhas psicológicas.

Palavras-chave: Psicoterapia. Epistemologia. Psicanálise. Fenomenologia.

INTRODUÇÃO

O presente ensaio pretende, a partir da produção teórica do pediatra e psicanalista inglês Donald Woods Winnicott (2021a, 2021b, 2020a, 2020b) e do psiquiatra francês Eugène Minkowski (2004, 2000, 1970), debater acerca das possíveis leituras psicológicas em contexto de psicoterapia que podem ser realizadas a partir do contato entre autores, que apesar de partirem de bases epistemológicas distintas, convergem na dinâmica do olhar acerca dos fenômenos psicológicos analisados e trabalhados na clínica. Enquanto Winnicott parte de um olhar pautado, além da Medicina, pela proposta teórica de Sigmund Freud, Minkowski irá partir da Medicina para estabelecer uma nova leitura da psicopatologia a partir das leituras de autores como Edmund Husserl e Henri Bergson.

Ao passo que em um primeiro momento suas abordagens possam parecer particulares demais, impedindo uma justaposição e complementaridade ao analisar fenômenos clínicos, os autores, como posteriormente será debatido, chegam a conclusões e dinâmicas similares, se não compatíveis, de observação sobre a ocorrência de psicopatologias. Superando as

[1] Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná. Mestre em Sociologia pela Universidade do Porto. Bacharel em Psicologia pela pontifícia Universidade Católica do Paraná.

especificidades que fundam a psicanálise e a fenomenologia, os autores aqui dispostos permitem discorrer acerca de estados de patologia e saúde com criatividade e potencialidade, negando continuamente encerrar o sujeito em suas manifestações externas percebidas como anormais. Além de disputar em seus respectivos campos a necessidade de uma abordagem que busque ressaltar as qualidades humanas que seus pacientes apresentam em sua trajetória de vida e no momento de análise, não buscando traduções sintomáticas no traumático, eles observam a naturalidade do sofrer e, nesse movimento, o reconfigurando em espaços potenciais de ressignificação pelo próprio indivíduo.

Busca-se, portanto, com o presente ensaio, ressaltar a necessidade de perceber, ao debater e analisar as abordagens teóricas em psicoterapia de autores que se dedicam sobre esse campo, a dinâmica que o pesquisador estabelece ao perceber e dialogar com os casos ditos patológicos. Nesse contexto, é visado transcender as barreiras das linhas e abordagens psicológicas e estabelecendo contatos frutíferos novos entre linguagens teóricas diversas. Nesse movimento, é valorizada uma Psicologia cada vez mais emancipatória e humanista, indo atrás da sensibilidade e da potencialidade criativa do sujeito o seu trabalho com o sofrimento, não buscando rotulá-lo nem eliminá-lo, mas promovendo novas formas de relações e significados intra e interpessoais

1 O OLHAR DE DONALD WOODS WINNICOTT

A proposta psicoterapêutica de Donald W. Winnicott (2020b) pode ser percebida enquanto um olhar que centra-se na criatividade do sujeito e no ambiente que proporcionou o desenvolvimento emocional no início da sua vida, com suas qualidades próprias de cuidado e proteção. Nesse contexto em que o bebê primeiro é deparado com uma externalidade de sua família e do ambiente familiar é que seu olhar objetivo sobre o mundo é formado, devendo ser "suficientemente bom" para atender suas demandas e que acolha sua própria potencialidade na sua capacidade de criação da realidade. Em seu trabalho "o brincar e a realidade", Winnicott (2020b) ressalta como há a ilusão do próprio bebê de que ele cria o mundo quando suas necessidades são sanadas, formando uma criatividade primária que permite o desenvolvimento do potencial criativo do indivíduo nessa primeira relação com a externalidade do mundo.

Para esse processo realizar-se de forma "suficientemente boa", como o autor propriamente define, a pessoa de cuidado deve enriquecer a percepção do bebê sobre as características dos objetos externos, enriquecendo sua construção do mundo (WINNICOTT,

2020a). Essa dinâmica em que o bebê insere-se pode ser percebida a partir do trabalho de Winnicott (2021a), em que a mãe e o bebê inserem-se em uma fantasia comum na alimentação pelo seio, partindo de direções opostas que aproximam-se, vivendo uma experiência comum, na qual há a ilusão do bebê de sua criação da realidade. É ressaltado por Winnicott (2020a) como todos os contatos corporais que o bebê vivencia, como a segurança que sente ao ser segurado até como suas necessidades são sanadas, interferem na constituição de seu sistema psíquico, estando diretamente vinculados com seu desenvolvimento até a vida adulta.

Para Winnicott (2020b), portanto, não há como separar o sujeito e seus objetos, pois exatamente o que é subjetivamente percebido torna-se a realidade vivenciada pela pessoa em sua experiência criativa. As primeiras experiências criativas centram-se no brincar da criança, em que o seu viver imaginativo cria um campo intermediário entre a realidade interna e externa, em que ambas participam. Chamando esse campo de "espaço potencial", o indivíduo traz os objetos da realidade com seus revestimentos simbólicos, relacionando junto com fragmentos da realidade externa e interna. Há um potencial criativo, portanto, em toda a vivência da realidade, fato inato ao sujeito e sendo seu responsável nas suas atribuições de valores de vivência, dando seus significados e sentido sobre sua própria experiência de vida, sendo o desenvolvimento humano completamente vinculado ao desenvolvimento desse potencial criativo, que está paralelo ao desenvolvimento emocional da pessoa.

É ressaltado por Winnicott (2020b) como a brincadeira é onde percebe-se a relação direta do potencial criativo e da afetividade do sujeito, já que o afeto reveste a experiência criativa, explicitando e apresentando o sentimento de confiança pelo participante, gerando uma autoconfiança satisfatória no início de vida para facilitar a relação do indivíduo com seu exterior. Relações de confiança, como com a mãe ou pessoa cuidadora do bebê ou outras percebidas como de confiança permitem o estabelecimento do espaço potencial do bebê, que por sua vez permite a realização do desenvolvimento de sua subjetividade, ressaltando e salientando como a saúde do sujeito está necessariamente vinculada com a criatividade que o indivíduo apresenta a partir de seus pontos de partida que advém de sua infância.

Na sua proposta de sistema psíquico, Winnicott (2020) estrutura como os objetos transicionais são aqueles que não pertencem ao corpo do sujeito, como o polegar chupado pelo bebê, nem são plenamente reconhecidos como externamente compartilhados com seu contexto comunitário, resultando em um encontro entre o mundo psíquico e a realidade material externa. Nessa dinâmica é que Winnicott localiza o brincar, sendo a partir dele a manifestação da criatividade no espaço potencial, em que o paciente atua em conjunto e instrumentaliza os

recursos disponíveis em seu sistema psíquico, sendo um ponto de trabalho comum tanto para adultos quanto para crianças enquanto demonstra a necessidade da construção de um ambiente da brincadeira para mobilizar o eu integral, em que o eu do paciente e do analista encontram-se e podem comunicar-se, ocorrendo de forma profunda e indireta.

Percebendo dessa forma simbólica, não há um momento de saúde e um de psicopatologia de forma separada de acordo com Winnicott (2020b), já que pessoas tidas como doentes podem ainda apresentar diversos índices de saúde e viver uma vida satisfatória e criativa, o que também pode acontecer pela via contrária com pessoas tidas como saudáveis mas que apresentam uma perda de contato com o mundo subjetivo, esvaziando seu potencial criativo dos fatos e de sua relação com a realidade. O brincar, portanto, é entendido enquanto um ato que não se resume a uma atividade criativa puramente infantil, mas que também é vivenciado e traduzido na vida adulta no humor, no lazer, no jogo, em um contínuo processo de evoluções do brincar para diversas fases da vida, expandindo a vida cultural do sujeito para fora do sujeito de forma simbólica, não sendo objetivamente percebido mas presente no espaço potencial.

É percebido por Winnicott (2020) como o lugar em que o sujeito encontra-se em uma atividade cultural, de lazer ou de jogo é um terceiro espaço na dimensão do viver, que não encontra-se nem no interno nem no externo. Esse é um lugar de saúde que se contrapõe ao patológico, pois é um facilitador de crescimento do sujeito e é construído na totalidade da existência experimental, dando sentido à existência e permitindo o indivíduo perceber-se enquanto ser no mundo em sua criatividade. Reitera-se que essa transicionalidade objetal proposta pelo autor não é fruto do imaginário, mas localiza-se também no real, enquanto mecanismo de defesa contra a ansiedade de tipo depressiva, por exemplo. Ao passo que esse revestimento simbólico do objeto possa ser apropriado por uma base psicanalítica ao estudo do tema, como representações do seio materno enquanto objeto da primeira relação, da possibilidade do objeto transicional tornar-se fetiche ou da representação das fezes na fase anal-erótica, sua proposta não fecha-se nessa dinâmica, permitindo uma exploração aprofundada em contato com outras áreas do conhecimentos e outras epistemologias.

Winnicott (2020b) ressalta como o brincar também facilita a comunicação na psicoterapia, enquanto amostra do que está sendo vivenciado na dinâmica da realidade interna do sujeito, além de ser uma terapia em si como uma forma criativa de evitação de transformar um evento ema algo traumático, sendo uma expressão espontânea da pessoa e de sua realidade.

No brincar, conecta-se o sujeito com seu mundo social, permitindo o desenvolvimento de um vínculo de confiança mútua na fantasia.

A experiência criativa, como Winnicott (2021b) define, revela o Eu enquanto unidade pessoal por explicitar o sentimento de existência a partir de seu fazer, demonstrando-se de forma espontânea e surpreendente. Portanto, na teoria winnicottiana, as manifestações do ser não se restringem sobre as imagens e alegorias sexuais, havendo um maior enfoque na representação e vivência do ser na realidade em seu potencial criativo, considerando a relação inicial da criança com as primeiras figuras de afeto no ambiente familiar, com suas qualidades de proteção, atenção e limites que organizam sua dinâmica psíquica pessoal.

Não limitando essa visão apenas na realidade formativa do sujeito, Winnicott (2021b) ressalta como o cuidar torna-se sinônimo de tratar, devendo remeter e retomar essa forma de olhar em um contexto clínico. Ao retomar o estudo de Winnicott (2021a), isso torna-se visível, pois o psicanalista ressalta como a transferência deve apresentar um outro significativo ao paciente que gere uma segurança no paciente, não para apresentar uma resposta conclusiva que finalize a problemática disposta, mas que auxilie na integração dessa dificuldade ou sofrimento dissociado da personalidade do sujeito, reinterpretando de forma criativa essa vivência e sentimento.

Winnicott (2021a) propõe, portanto, uma mudança na psicanálise, fortemente pautada até então pelo olhar freudiano. Nesse contexto, reconhece, por exemplo, que um psicótico ainda não possui a condição de reconhecimento em si do seu modo próprio e peculiar de vivência da realidade para recolocar-se nela, tornando impossível sua responsabilizar-se na relação terapêutica. Há como resultado, portanto, uma dependência absoluta sobre a figura do terapeuta, necessitando que o terapeuta não baseie-se na noção de vínculo, mas enquanto um facilitador das necessidades do paciente que o utiliza como objeto subjetivo até desenvolver as ferramentas que possibilitam a transformação no modo de relação. Nesses casos, percebe-se como há a necessidade do bebê experimentar uma dependência suficientemente boa do meio ambiente para realizar a vivência posterior de dependência relativa, para só então gerar um grau de independência, se apropriando dessa própria dinâmica para a realização dos processos intersubjetivos em psicoterapia.

2 O OLHAR DE EUGÈNE MINKOWSKI

Na perspectiva de Eugène Minkowski (1970), em sua teoria pautada pela epistemologia da análise fenomenológica, existir necessariamente significa viver o tempo, recuperando o passado pela memória e antecipando o futuro em um presente dinâmico. Nessa proposta, o tempo é percebido enquanto uma "massa fluída" com uma potência para um futuro de possibilidades em um advir infinito e inexorável, sendo a sua experiência primária e vital. Coexistem, nesse processo, o tempo assimilado ao espaço, que seria mensurado por medidas como segundos, minutos, dias, meses e anos, regido pelas leis naturas, e o tempo vivido na introspecção e na consciência, que diferencia-se em virtude das situações e dos sentimentos vivenciados pelo sujeito.

Minkowski (1970) ressalta como o presente permite que o agora se instale, no qual não é possível observar os fenômenos da duração e da sucessão, enquanto o passado é o tempo já vivido que pode ser recuperado por três categorias: a recordação, que expande o presente e torna o passado revivido por intermédio de seus significados que podem ser transformados; pelo remorso, vivenciado enquanto recordação consciente de um passado que reconcilia-se, em caráter prospectivo, com as exigências do devenir, em uma busca de ação ética; pelo pesar, que aplica-se a acontecimentos de menor gravidade em um lamento pelo bem não cometido ou mal realizado pelo sujeito, podendo ser ressignificado. Nesse modelo, ressalta-se a função do futuro, no qual a vida é essencialmente orientada a partir da atenção do eu.

Para Minkowski (1970), a atividade do indivíduo possui uma duração ativa que permite uma sequência, coerência e finalidade no decorrer do tempo de vida do sujeito, permitindo um acesso sobre a alegria imediata do viver, estando necessariamente temporalizada na experiência subjetiva enquanto energia temporal que, ao materializar-se abre a possibilidade de contato com seu contexto, preenchendo o vazio existencial e abrindo possibilidades para a pessoa. Na atividade, o eu torna-se presente e dirige os eventos da vida, enquanto a espera é significada enquanto um momento de contenção e de abertura para as possibilidades ainda obscuras ou impossíveis em determinado momento, necessitando do equilíbrio de atividade e espera em uma dinâmica de tensão-abertura-prontidão ou oportunidade-apelo-chamada.

Outro fator relevante para estruturar a proposta de Minkowski (1970) sobre a dinâmica psíquica se dá a partir do desejo, ato que promove força, coragem e intimidade do sujeito consigo mesmo, em que sua ausência gera o vazio existencial. Ao desejar, o sujeito abre o futuro diante o eu, desejando o que não possui que, por sua vez, gera seu sentido de vida, havendo maior satisfação no desejo e na esperança, que promovem um horizonte infinito, do que na

conquista e posse, que fecha as possibilidades do sujeito. De acordo com o autor, sem haver um direcionamento do desejo a vida implodiria ou explodiria.

Minkowski (1970) ressalta como o desejo contém a atividade dentro de si, que por sua vez se realiza enquanto esperança, que resulta na libertação da ansiedade e do aperto da espera, desviando o contato de um presente imediato que posiciona o sujeito em sua vivência temporal. Não sendo um otimismo nem um pessimismo, a esperança do sujeito transcende ambos, se constituindo de contemplação e construção, promovendo a possibilidade do advir existir.

É possível, nesse contexto, também observar como Minkowski (2000) defende o sofrimento enquanto parte integrante da existência humana, não podendo ser evitado nem controlado, ressaltando como o sofrer marca e reposiciona o indivíduo, buscando compreender o que ele revela. Nessa dinâmica, o estado depressivo e desamparo não são o sofrimento em si, mas suas traduções para o sujeito, com seus potenciais de exploração. Debatendo sobre o tópico, o autor relativiza como a nostalgia, por exemplo, é um sofrer essencial da existência, já que exprime uma perda de algo querido e precioso para a pessoa, contendo no sentimento tanto o desejo de retorno do que foi perdido como o desamparo de sua perda irreparável, havendo diversos graus e significações possíveis em sua experiência individual. Torna-se, portanto, inviável uma caracterização clara entre o patológico e a normalidade, pois observar o sintoma como o sofrer por si só não é a doença em absoluto, e a busca do tratamento pode apenas reduzir seu potencial expressivo para o indivíduo que vivencia esse sentimento.

Por fim, é de imenso valor ressaltar a proposta de Minkowski (2004) acerca de pensar o sujeito e seus sentimentos enquanto dados imediatos da consciência que possuem outra lógica, que não depende ou se alinha com os modos de pensar e de refletir das ciências exatas. Esses dados advém do contato vital do sujeito com a realidade, que seria o contato que penetra na personalidade do sujeito e que pode ser captado a partir de suas reações em atos, sentimentos, lágrimas ou risos. O autor ressalta como o trabalho com metáforas, por exemplo, surge enquanto uma resposta e método possível de dialogar com esses dados vivenciados pelo sujeito, com uma outra linguagem possível que capta as qualidades que não se reduzem nem podem ser controladas a partir de modos cartesianos de análise da realidade.

3 UMA REINVINDICAÇÃO HUMANISTA COMUM

Diversos paralelos, complementos e dinâmicas compatíveis podem ser percebidas entre as propostas dos dois autores previamente relatados. Busca-se, a partir do presente diálogo,

demonstrar como, mesmo partindo de epistemologias distintas, o humanismo comum dos autores, em um olhar que busca a sensibilidade e a criatividade do sujeito no seu cotidiano que é atravessado por diversas possibilidades pautadas em sua trajetória de vida, permite o desenvolvimento de uma clínica que não limita-se sobre a alcunha de uma linha psicológica fechada em si, mas abre-se para diversas possibilidades no contato sensível com o indivíduo.

De início, é possível perceber como a vivência de tempo de Minkowski, em que o passado é recuperado pela memória e que antecipa um futuro dinâmico, no qual a energia vital está direcionada, pode correlacionar-se com a proposta de Winnicott acerca das formas de apego e afeto que advém da primeira infância. No trabalho do psicanalista, ao observar as marcas que o bebê vivencia e marcam seus modos de relações interpessoais na vida adulta, sua práxis volta-se para recuperar exatamente esse passado para compreender o potencial do sujeito no presente em sua relação intra e interpessoal imaginativa, para possibilitar modos diversos de instrumentalizar suas capacidades e potencialidades para projetar-se ao futuro. No caso de ambos os autores, a vivência do tempo necessariamente está atrelada em um campo subjetivo que não limita-se sobre as medidas naturais, mas se dá no espaço subjetivo do próprio indivíduo. Nesse olhar, o presente surge enquanto um espaço em que o agora instala-se, e, como Winnicott define, recupera-se o histórico do sujeito para criar condições de um presente que demonstra-se seguro para o paciente no contexto clínico a partir de suas imagens de afeto previamente vivenciadas.

Para ambos os autores, o fazer e a atividade tornam-se essenciais em um processo terapêutico. No caso de Minkowski ressalta-se como a atividade relaciona-se com a alegria imediata do viver, que materializa a possibilidade do contato do sujeito com seu contexto e sua realidade, com suas aberturas ao futuro e ao preenchimento do vazio existencial. Essa dinâmica pode ser percebida na abordagem winnicottiana ao dialogar com a importância vital do brincar e da presentificação do sujeito que se dá nesse espaço criativo, em que o objeto do brincar torna-se transicional em um espaço potencial, não se reduzindo sobre sua expressão material literal nem apenas enquanto um conteúdo intrapsíquico, permitindo um contato do sujeito consigo mesmo na brincadeira. Retornando sobre a proposta de Eugène, portanto, o brincar, ao promover a atividade ao sujeito, o presentifica e, em consequência, permite dirigir os eventos de sua vida.

Acerca do ato de desejar, Minkowski ressalta como o ser desejante abre o futuro diante do eu que, em contrapartida, gera um sentido de vida, não se limitando sobre apenas uma possibilidade, como ocorre na conquista e na posse, mas mantendo esse horizonte de

possibilidades. Esse olhar enquanto metáfora dialoga com a abordagem psicanalítica do Desejo enquanto o objeto inalcançável do sujeito, que o projeta na vida cotidiana e o movimenta na sua experiência cotidiana a partir de suas experiências passadas. Porém, seja no caso de Minkowski ou de Winnicott, o desejar não é voltado continuamente para a alegoria de objetos sexuais tipicamente percebida e vivenciada na análise clínica pautada na psicanálise, permitindo outras formas de perceber e dialogar com os conteúdos e os fenômenos apresentados pelos pacientes no contexto da psicoterapia.

Outro diálogo possível se dá acerca do olhar do psicoterapeuta sobre o sofrimento trazido pelo paciente. É discutido por Minkowski como o sofrer é integrante na experiência subjetiva humana pois permite o reposicionamento do sujeito acerca do seu modo de viver e ser, além de comunicar dados da consciência não percebidos ou ainda não elaborados pelo sujeito, exigindo seu olhar e sua atenção para o que o fenômeno apresenta na realidade. Esse olhar ecoa a proposta de Winnicott ao perceber que não há claramente momentos de saúde e de psicopatologia na experiência dos sujeitos, em que ambos coexistem na realidade, com seus diversos índices sendo sentidos pelo indivíduo. Em ambos os casos é possível perceber a necessidade de adentrar no campo do sofrimento a partir de um olhar da criatividade e do potencial que o próprio paciente apresenta ao deparar-se com sua condição de sujeito que sofre que, com sua trajetória de vida, estabelece sua própria dinâmica para relacionar-se de forma potencial com os objetos de sua realidade para compreender suas manifestações próprias.

Essa dinâmica criativa do sujeito para compreensão de seus modos de ser que advém das experiências de vida pode ser percebida em ambos os trabalhos pois, ao passo que a abordagem winnicottiana ressalta a importância do brincar independente da fase da vida, explicitando o valor do estabelecimento do objeto transicional para o sujeito em um espaço potencial de elaboração da realidade, o olhar fenomenológico de Minkowski reitera a necessidade de outras formas de linguagem e tradução de conteúdos que definem e caracterizam a personalidade do sujeito em seu contato vital com a realidade. Portanto, em ambos os casos, pode ser percebido como não há uma abordagem que morre em uma objetificação crua e finita do mundo no diálogo com o sujeito, mas busca-se o desenvolvimento da criatividade do indivíduo para possibilitar novas formas de contato intra e interpessoal.

Portanto, pode ser percebido, ao debater a abordagem de ambos os autores, como suas abordagens constelam um olhar comum humanista ao perceber o sujeito em psicoterapia, aproximando-se entre si de forma mais estreita que com outros olhares de mesma epistemologia e linha teórica na Psicologia. Defende-se, em razão disso, a necessidade de perceber os

fenômenos psicológicos e as leituras de seus autores além das frias linhas teóricas tradicionais, mas a partir da dinâmica do pensar nas quais elas estão fundadas, com seus autores buscando perceber os sujeitos enquanto pessoas potenciais de criatividade em um olhar potencial e focado na própria experiência sensível e afetiva do indivíduo, como apresentado nos presentes casos.

Trabalhar visando um olhar humanista não limita-se apenas sobre a percepção dos fenômenos com determinado vocabulário, mas engloba, em conjunto, uma ética comum sobre o trabalho com os sujeitos que buscam a psicoterapia, reconhecendo o seu próprio potencial criativo e afetivo de trabalhar e perceber a sua realidade, necessitando do profissional de Psicologia uma responsabilização de busca de todas as ferramentas necessárias para um trabalho coletivo e sensível para com o paciente. Os dois autores presentemente apresentados representam apenas um dos diversos pontos comuns de contatos possíveis entre diferentes abordagens epistemológicas que possibilitam um rico contato ao serem instrumentalizados em conjuntos, compartilhando de uma dinâmica e ética mútua em relação ao olhar sobre os fenômenos psicológicos cotidianos que se recusam a serem categorizados entre normais e patológicos, necessitando um olhar que vá além dessa dualidade para um verdadeiro trabalho efetivo com o indivíduo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente trabalho, buscou-se defender a necessidade de estabelecer novos olhares em psicoterapia que transcendem as rotulações que fundam-se e findam-se nas abordagens psicológicas típicas. Ao perceber as dinâmicas apresentadas por Donald Woods Winnicott e por Eugène Minkowski torna-se possível perceber como o olhar clínico deve fundar-se na dinâmica em que o paciente apresenta ao iniciar um trabalho clínico junto de um psicoterapeuta, e como o próprio terapeuta percebe o paciente em sua própria trajetória de vida e mecanismos próprios.

O diálogo entre os autores permitiu perceber que diversos termos utilizados por eles, como objeto transicional, espaço potencial e o brincar para Winnicott e contato vital, tempo vivido e a metáfora para Minkowski estabelecem pontos e objetivos comuns no processo terapêutico, realizando uma psicoterapia que busca exatamente realizar junto com o paciente uma conexão sensível e ativa com sua experiência cotidiana, atuando de forma simbólica para a elaboração da realidade do sujeito. Deixa-se de perceber, portanto, o paciente enquanto um ser acometido por algo finito, mas essa finitude exatamente enquanto um estado de esgotamento

criativo e potencial da pessoa, que pode ser percebido e recuperado a partir de um olhar clínico sobre a trajetória de vida do indivíduo em um contato presentificado com o terapeuta.

Além disso, pode ser possível perceber como ambas as abordagens não buscam encerrar a experiência do sofrimento do paciente, percebendo esse ato como matar o potencial de elaboração e de compreensão sobre o que esse sofrimento expressa para o sujeito em sua realidade própria. Em contrapartida, esse sofrer não é também defendido enquanto algo a ser glorificado e finito em si, mas como um processo próprio do sujeito que pode compreendê-lo e ressignificá-lo em sua própria experiência a partir de uma renovação da forma de experenciar seu cotidiano, inserindo um potencial imaginário e criativo no seu olhar e recuperando o potencial da infância que é presente no espaço potencial de sua percepção.

Portanto, ressalta-se como um olhar psicológico que busca trabalhar junto do sofrimento que emerge na psicoterapia não precisa nem pode encerrar-se apenas em uma abordagem epistemológica fixa, e, em momentos, alienante. É importante observar como a dinâmica que estabelece a clínica se dá para, então, exatamente instrumentalizar essa criatividade na forma de interação e leitura dos fenômenos que são apresentados pelo paciente no seu presente e em sua trajetória de vida, trabalhando em conjunto em projeção de um futuro de possibilidades. Abordar de forma que centra-se na pessoa e em seus potenciais não encerra-se em alcunhas específicas, mas em uma atitude ética comum que atravessa todo um fazer e uma atuação enquanto psicoterapeuta, buscando as mais diversas ferramentas que possibilitem a realização de um trabalho sensível, afetivo, crítico e emancipatório.

Por fim, com este trabalho, é explicitada a importância da realização de cada vez mais debates que elucidem e permitam o compartilhamento na comunidade acadêmica e profissional entre pontes possíveis entre diferentes abordagens psicológicas que estimulem criativamente o trabalho no contexto da psicoterapia. Além disso, também é importante afirmar como o potencial de contato com outras áreas das humanidades que buscam uma abordagem crítica e sensível sobre o trabalho com pessoas no cotidiano da realidade social comum, como pesquisas que advém das áreas da Sociologia, Antropologia, Serviço Social, Educação, entre tantas outras que permitem construir, junto com outros sujeitos, possibilidades de futuros emancipatórios estruturais e subjetivos.

THE VITAL CONTACT IN PLAY: APPROACHING DONALD WINNICOTT AND EUGÈNE MINKOWSKI

Abstract: This essay aims to discuss, based on an approximation of the clinical approaches of the psychoanalyst Donald Woods Winnicott and the psychiatrist Eugène Minkowski, a view of the practice of psychotherapy that, when perceiving the phenomena and experiences of patients, focuses on establishing dialogues that are not limited to basing an analysis only on a common epistemological field, defined by the psychological approach as the authors' starting point, but also around the dynamics of thought proposed when analyzing clinical cases. In this movement, it is defended the importance of establishing dialogues that prioritize an affective, creative and critical look at clinical analysis, not limiting ourselves to terms and, on the other hand, seeking approaches that allow us to raise the level of analysis with the subject seeking psychotherapy. It is hoped that this work will encourage a reading of psychological phenomena that goes beyond the rigid bases of psychological perspectives.

Keywords: Psychotherapy. Epistemology. Psychoanalysis. Phenomenology

REFERÊNCIAS

MINKOWSKI, Eugène. A noção de perda de contato vital com a realidade e suas aplicações em psicopatologia. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, 2004, 7: 130-146.

MINKOWSKI, Eugène. Breves reflexões a respeito do sofrimento (aspecto pático da existência). **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, 2000, 3: 156-164.

MINKOWSKI, Eugène. **Lived time: Phenomenological and psychopathological studies**. Northwestern University Press, 1970.

WINNICOTT, Donald Woods. **Da pediatria à psicanálise**. Ubu editora, 2021a.

WINNICOTT, Donald Woods. **Tudo começa em casa**. Ubu Editora, 2021b.

WINNICOTT, Donald Woods. **Bebês e suas mães**. Ubu Editora, 2020a.

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade**. Ubu Editora, 2020b.